

## DISCURSO EM NOME DAS SOCIEDADES CIENTÍFICAS NACIONAIS

pelo Prof. Doutor J. Moreira de Araújo,  
Presidente da Sociedade Portuguesa de Física

*Magnífico Reitor*  
*Senhores Representantes das Autoridades Cíveis*  
*Senhores Representantes das Sociedades Científicas*  
*Minhas Senhoras e Meus Senhores*

É para mim um prazer representar nesta cerimónia a Sociedade Portuguesa de Física; e é uma honra poder dizer algumas palavras de saudação em nome das Sociedades Científicas Portuguesas.

Se me permitem a imodéstia, diria que não deixa de ser natural que os organizadores tivessem pensado na Sociedade Portuguesa de Física. Se há, no nosso país, duas sociedades científicas “irmãs”, com um passado comum de mais de 60 anos, são precisamente a Sociedade Portuguesa de Química e a Sociedade Portuguesa de Física.

O tronco comum de que ambos derivam é a Sociedade Química Portuguesa, fundada há 75 anos por três químicos portuenses; a qual, volvidos alguns anos, passa a incluir uma Secção de Física — ainda por iniciativa de um professor da Universidade do Porto.

Só em 1927 surge a nova designação de Sociedade Portuguesa de Química e Física. Por esta ordem; que não pretendia hierarquizar as duas ciências, reflectindo somente o facto (histórico) de, nesses tempos, os químicos portuenses terem maior dinamismo do que os seus colegas físicos. A própria orgânica das Faculdades de Ciência onde os estudos de Física e Química estavam inevitavelmente associados — incluía, na altura, “laboratórios químicos”, mas apenas “gabinetes de physica”.

Na opinião de muitos de nós — talvez de todos nós — o passado comum no ensino Universitário da Física e da Química terá durado algumas décadas a mais do que devia. Só em 1964 surgem, entre nós, as licenciaturas em Física e em Química, e os títulos profissionais de Físico e de Químico.

No entanto, a separação das duas Sociedades só viria a ter lugar dez anos mais tarde, em 1974; a adesão de Portugal à Sociedade Europeia de Física tem ainda lugar (1968) através da Sociedade Portuguesa de Química e Física. Deve, no entanto, dizer-se que se tratou claramente de uma separação amigável. Desde o início, as duas Sociedades partilharam a nova Sede; que viria a acolher igualmente as Sociedades Portuguesas de Matemática e de Filosofia.

É-me grato afirmar que tem existido excelentes relações entre as Sociedades; no entanto, ousou perguntar se teremos sempre colaborado como podíamos e devíamos?

Pensam alguns que deveria existir em Portugal uma “Ordem dos Cientistas” que pudesse ter um peso maior perante os órgãos do Poder e a opinião pública; e melhor defendesse os interesses da Ciência e dos seus cultores no nosso país. Tais pessoas olham especialmente para algumas Sociedades, com maior número de membros e maior dinamismo, como possíveis catalisadores de um tal movimento.

Um outro exemplo: não partilham as duas Sociedades uma clara insatisfação com as condições do ensino pré-universitário da Física e da Química, com a inexistência de uma prática laboratorial, com a selecção dos alunos, etc., etc., etc.?

É um dado da experiência dos últimos anos que, para resolver esses problemas, não basta ter estimáveis ministros ou secretários de estado da educação; mesmo que sejam químicos!

Na sequência do seu último congresso, em Outubro de 1986, a Sociedade Portuguesa de Física entregou uma exposição no Ministério da Educação. O assunto terá sido encaminhado para a Direcção-Geral do Ensino Secundário e para a “Comissão Nacional para reestruturação dos programas do Ensino Secundário” — comissão de que fazem parte, segundo cremos, alguns químicos.

Permitam-me que leia algumas passagens do resumo publicado na Gazeta de Física (Jan.-Mar. 87), pág. 6-7:

*“Entendemos que deverá ser obrigatória a frequência de disciplinas de Física nos 3 anos do Curso Complementar do Ensino Secundário para ingresso em vários cursos superiores...”*

*“Entendemos que se deveria introduzir... actividades experimentais com carácter de obrigatoriedade... no ensino da Física ao nível dos 10.<sup>o</sup>, 11.<sup>o</sup> e 12.<sup>o</sup> anos de escolaridade”.*

*“Entendemos que se impõe a necessidade de ter uma visão coordenada e integrada do ensino de Matemática, Física e Química a todos os níveis do ensino secundário... Finalmente chamamos a atenção para a disponibilidade da Sociedade Portuguesa de Física colaborar com as Sociedades Portuguesas de Matemática e de Química na execução desta acção de coordenação de programas”.*

*“Consideramos que o ensino da Física e da Química deveria regressar ao 7.<sup>o</sup> ano de escolaridade”.*

*“Para atingir uma maior eficácia no ensino, a Física e a Química deveriam constituir duas disciplinas separadas ao nível do 10.<sup>o</sup> e 11.<sup>o</sup> anos de escolaridade.*

*“Consideramos que é necessário uma maior investimento na reciclagem e formação contínua de professores de Física do ensino secundário”.*

Esta é, certamente, uma área em que as Sociedades de Química, de Física, de Matemática, poderiam colaborar eficazmente.

Gostaria de terminar com uma palavra de homenagem aos fundadores que, há 75 anos, lançaram a semente de que viria a surgir a Sociedade Portuguesa de Química; homenagem extensiva aos que, ao longo dos anos, mantiveram viva a Sociedade e a converteram no que ela presentemente é.

Finalmente queria fazer votos pelas prosperidades da Sociedade Portuguesa de Química, pelo desenvolvimento da sua cooperação com outras Sociedades Científicas, nacionais e estrangeiras; bem como, ainda, pelos êxitos profissionais e felicidades pessoais de todos vós.